

Mercado doméstico sustenta bom desempenho do setor de embalagens

Patamares de produção e vendas se mantêm estáveis e vêm acompanhados de recuperação dos preços nos últimos meses

A produção de papel para embalagem em 2012 teve resultado um pouco abaixo do registrado no ano anterior, de acordo com dados da *Conjuntura Bracelpa* (publicação mensal da Associação Brasileira de Celulose e Papel). O volume total produzido desse tipo de papel foi de 5,115 milhões de toneladas no ano passado, contra 5,168 milhões em 2011. Na produção total de papel para embalagem, o destaque ficou com o papelcartão, que cresceu 3,7% em 2012, representando um volume de 760 mil toneladas no ano.

Nas vendas domésticas de papéis para embalagens – e especificamente de papelcartão –, os comportamentos diferenciados foram também marcantes. No ano passado, enquanto o setor de embalagem teve pequena variação positiva de 0,5%, totalizando 1,689 milhão de toneladas no último ano, o setor de papelcartão apresentou incremento de 3,5%, com total de 530 mil toneladas – novamente acima do índice geral dos papéis para embalagens.

Na avaliação de Carlos Alberto Farinha e Silva, vice-presidente da Pöyry Tecnologia, os patamares praticamente estáveis do segmento de papel para embalagens são positivos diante do atual cenário econômico e vêm acompanhados de outro aspecto favorável: a boa reação dos preços, especialmente no mercado doméstico, ao qual os players nacionais têm dedicado atenção especial. “A despeito de alguma eventualidade não prevista, as expectativas são boas para 2013”, acredita Farinha. **(Veja box dos projetos anunciados pelo setor de papel para embalagens)**

Manoel Rodrigues Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry, frisa que a melhoria dos padrões sociais tem reflexo direto no desempenho do setor de embalagens. O segmento de papelão ondulado, por exemplo, está entre os que acompanham de perto o desenvolvimento econômico do País. “Considerando-se um aumento do PIB brasileiro de 3% a 4% no ano, o setor de papelão ondulado deve crescer nas mesmas taxas ou até mesmo 1% a mais em 2013”, prospecta o executivo da Pöyry.



O *Boletim Estatístico* de março da Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO) vai ao encontro da previsão de Neves: embora a expedição de caixas, acessórios e chapas de papelão ondulado tenha somado 278.536 toneladas no mês, volume 0,5% inferior ao apresentado em março de 2012, os resultados são positivos. “Como houve dois dias úteis a menos, ocorreu uma leve queda na expedição de março/2013 em relação a março/2012”, explica Ricardo Trombini, presidente da entidade.

Na avaliação de Trombini, trata-se de um desempenho razoável. “Estamos próximos de um crescimento de 4% no primeiro trimestre. Comparativamente a outros segmentos econômicos, estamos em vantagem”, pontua. “Nossa perspectiva de crescimento para este ano é de 3,5%, com base em crescimento da indústria de transformação e também em ganhos de mercado em relação a outras soluções de embalagens.”

Neves evidencia, ainda, que alguns subsegmentos de papelcartão também apresentam boas perspectivas para 2013 – caso dos produtos de higiene, perfumaria e alimentos. “As margens de crescimento também tendem a ser um pouco maiores do que o incremento do Produto Interno Bruto (PIB)”, contextualiza.

O desempenho da Klabin corresponde às perspectivas positivas. A atual capacidade produtiva da maior

Farinha: “O setor de embalagens destaca-se entre os que mais vêm conquistando evoluções tecnológicas”



“Atualmente, o sistema rodoviário encontra-se sobrecarregado, dificultando e encarecendo todos os segmentos econômicos, incluindo o papelero”, aponta Trombini

produtora e exportadora de papel para embalagem do Brasil é de 1,9 milhão de toneladas/ano, volume distribuído em cartões revestidos (700 mil toneladas/ano), kraft (960 mil) e reciclados (200 mil). Desse total, são convertidas 145 mil toneladas/ano em sacos industriais e 540 mil em papelão ondulado.

A companhia seguiu em ritmo de crescimento no primeiro trimestre de 2013, registrando EBITDA (lucro antes de descontados juros, impostos, depreciação e amortização) de R\$ 384 milhões – alta de 23% na comparação com o mesmo período do ano passado. A margem EBITDA passou de 32% no primeiro trimestre de 2012 para 36% neste ano. Impulsionado pelo aumento da eficiência das fábricas e pela melhoria do mix de produtos e mercados, o desempenho na geração operacional de caixa igualou o montante alcançado no último trimestre de 2012, período historicamente considerado o mais aquecido para o setor.

Apesar da sazonalidade verificada nos inícios de ano e do cenário econômico desafiador, o volume de papel para embalagem vendido pela Klabin no primeiro trimestre deste ano (sem incluir madeira) superou em 3% as vendas registradas no mesmo período de 2012, atingindo 430 mil toneladas. O melhor desempenho da companhia foi contabilizado no mercado interno, que respondeu por 70% do volume vendido – acima do verificado no primeiro trimestre de 2012, quando a parcela havia ficado em 65%.

As vendas de papéis e embalagens no mercado doméstico apresentaram aumento de 11% em relação ao primeiro trimestre de 2012. As vendas internas de

kraftliner e cartões totalizaram 135 mil toneladas, enquanto as de produtos convertidos (papelão ondulado e sacos industriais) chegaram a 164 mil toneladas no mesmo período.

A receita líquida aumentou 10% no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando R\$ 1,066 bilhão. A receita líquida de papéis (kraftliner e cartão) teve alta de 11%, ao passo que a de produtos convertidos cresceu 12% na comparação com o mesmo período de 2012. O lucro líquido registrado no primeiro trimestre de 2013 foi de R\$ 202 milhões – crescimento de 38% sobre o último período de 2012.

Um player mais fortalecido

O potencial do mercado doméstico brasileiro tem atraído investimentos de players estrangeiros, algo que deve tornar-se tendência para os próximos cinco anos. Na verdade, a internacionalização e a consolidação do segmento já teve início, a exemplo da recente joint venture firmada entre International Paper e Jari Celulose, Papel e Embalagens S.A. (Grupo Orsa).

Em janeiro último, as empresas concluíram um acordo para criar uma nova empresa no mercado de embalagens. A IP investiu aproximadamente US\$ 470 milhões (cerca de R\$ 952 milhões no câmbio atual) para ter participação de 75% na nova empresa, ficando a Jari com 25%.

“A International Paper, uma das maiores empresas globais de embalagens e papel, possuía no Brasil, até então, unidades voltadas à produção de papel branco para imprimir e escrever. Este acordo vai ao encontro das metas da companhia de criar uma plataforma sustentável de crescimento na América Latina nos setores de papel e embalagens”, comenta Jean-Michel Ribieras, presidente da International Paper América Latina. Para Sergio Amoroso, chairman do Grupo Orsa, a aposta em parcerias estratégicas como a firmada com a IP é ferramenta de desenvolvimento para o grupo. “Essa joint venture fortalece o negócio de embalagem ao trazer novas tecnologias e inovações, refletindo em uma empresa com potencial de crescimento acelerado”, completa Amoroso.

A partir da aquisição, os ativos de embalagem do Grupo Orsa, compostos por três fábricas de papel para embalagem e quatro unidades de produção de embalagens de papelão ondulado, passam a pertencer à nova empresa. “A Orsa International Paper Embalagens já nasce como uma empresa forte e com potencial de crescimento acelerado, pois reúne a líder mundial na produção de embalagens a uma das principais compa-

nhas brasileiras, com grande conhecimento do mercado nacional”, destaca Ribieras.

Em 2013, a expectativa da nova empresa é de grandes desafios. “Passaremos por um processo de transição, mantendo o mais alto padrão de qualidade e o atendimento ao cliente. Esse será o primeiro passo para tornar a empresa cada vez mais competitiva, sem abrir mão do compromisso com o meio ambiente e do respeito aos profissionais, clientes, parceiros e comunidades”, ressalta Marc Van Lieshout, nomeado para ocupar o cargo de presidente executivo da Orsa International Paper Embalagens.

Papel e seus agregados

Além da tendência de consolidação no segmento de papel para embalagem, um salto de qualidade nas soluções oferecidas ao embalador final promete ser visto nos próximos anos, conforme aponta Farinha. “O setor de embalagens destaca-se entre os que mais vêm conquistando evoluções tecnológicas, não apenas nas formas como se apresenta, ou seja, na estruturação mecânica das embalagens, mas também no uso como meio de comunicação”, afirma o vice-presidente da Pöyry. **(Conheça também o resumo do Global Outlook Packaging 2020, sobre tendências do setor de embalagens em destaque no box Embalagens mais inteligentes e sustentáveis)**

Farinha acredita que a hibridização entre os meios eletrônicos e as embalagens passará por avanços significativos. “Já é possível imprimir baterias em embalagens, o que possibilita a criação de imagens animadas nos produtos”, destaca o executivo. Também o papelão ondulado vem ganhando espaço com novidades. “É o caso do segmento automotivo, em que o papelão micro-ondulado tem sido usado para embalar autopeças, em função de sua capacidade de suportar pesos maiores e de sua resistência mecânica”, cita Neves.

Trombini, presidente da ABPO, reconhece que ainda há gargalos a serem superados, pois se fazem necessários ganhos maiores de produtividade e qualidade, para que o setor continue a figurar como principal solução de embalagens de transportes e mais do que isso: para avançar nos mercados de embalagens primárias com a evolução da tecnologia em produtos mais leves e possibilidades gráficas em policromia flexográfica de ponta.

O setor papelero tem um longo caminho a percorrer também em diversos outros segmentos, conforme lembra o gerente de Estudos Econômicos da Pöyry. “O Brasil almeja exportar mais frutas num futuro próximo, mas,

se formos aos grandes mercados dos centros urbanos do País, ainda veremos uma quantidade muito maior de caixas de madeira e de plástico em detrimento das de papelão. O setor papelero precisa investir no desenvolvimento de soluções apropriadas para a exportação de frutas”, pontua ele sobre o desafio da concorrência com outros materiais.

Ainda abordando o potencial do plástico, o executivo da Pöyry diz que se trata de uma indústria com enorme velocidade de adequação, extremamente dinâmica. Ele comenta ainda que a variedade de tipos de plástico é bastante favorável à diversificação de soluções. O papel fica aquém nesse aspecto; por isso, os players precisam estar sempre inovando, em busca de alternativas”, completa Neves.

Uma competição assim acirrada tem um lado positivo, já que pode atuar como força motora para melhorias na indústria de papel. Segundo Farinha, o primeiro passo para fazer o papel tornar-se o produto preferido em relação aos materiais concorrentes consiste no fortalecimento de sua imagem sustentável. “Diferentemente do plástico, o papel está verdadeiramente atrelado ao tripé da sustentabilidade”, ressalta o vice-presidente da Pöyry.

O presidente da ABPO tem a mesma opinião: “O papelão ondulado traz ganhos ambientais importantes. Precisamos comunicar a sociedade sobre as vantagens comparativas das cadeias de produção. Utilizamos matérias-primas renováveis, que resultam em produtos recicláveis e biodegradáveis, características extremamente adequadas a uma sociedade moderna e em permanente evolução”.

A Papyrus vale como exemplo de player do segmento de papelcartão que atua em diferentes mercados: ali-

“O papelão micro-ondulado vem ganhando espaço para embalar autopeças, em função de sua capacidade de suportar pesos maiores e de sua resistência mecânica”, cita Neves

Produção anual da Papyrus gira em torno de 90 mil toneladas de cartões dúplex, triplex, sólido e 100% produzido com material reciclado



DIVULGAÇÃO: PYPAPYRUS

DIVULGAÇÃO: PAPIRUS



Vitacarta: papelcartão produzido pela Papyrus com 100% de aparas. Desse total, 40% são efetivamente de pós-consumo

mentício, cosmético, farmacêutico, de higiene/limpeza, calçadista, editorial e de autopeças. A empresa vivencia uma busca contínua por melhorias nas soluções que oferece. Para atender à variada demanda da carteira de clientes, a produção anual gira em torno de 90 mil toneladas de cartões dúplex, tríplex, sólido e 100% produzido com material reciclado.

Eduardo Gianini, gerente de Marketing da Papyrus, acredita que a maior complexidade está nos mercados alimentício e farmacêutico, devido à crescente exigência em termos de técnicas gráficas aplicadas e responsabilidade em relação ao contato com os produtos envasados. "Cada vez mais, o mercado de alimentos valoriza a praticidade ligada às mais diversas formas de conservação e uso. Vale destacar que o mercado de barreiras e as embalagens ativas e inteligentes serão os maiores desafios daqui em diante", vislumbra.

Em consonância com a visão de Farinha sobre a importância do caráter sustentável dos produtos à base de papel, Gianini ressalta que o desenvolvimento de novos produtos feitos pela Papyrus sempre leva em consideração aspectos de responsabilidade social e ambiental. "Desde a fundação da empresa, acreditamos no uso correto e inteligente dos meios fornecidos pela natureza. Pensamos que esse será o grande diferencial das empresas num futuro próximo."

A respeito das estratégias nas quais a empresa pretende continuar investindo para se posicionar competitivamente num mercado cada vez mais exigente, o gerente de Marketing afirma que a Papyrus permanecerá abordando diversos mercados de forma segmentada, procurando falar e entender a linguagem de cada um.

Também atenta à competitividade do mercado, a Klabin investe constantemente em seu parque industrial, com o Projeto de Expansão MA-1100, realizado entre 2006 e 2008 na Unidade de Monte Alegre, em Telêmaco Borba (PR). O projeto incluiu a MP-9, que possibilitou duplicar a capacidade de produção de papelcartão, e também a modernização da fábrica, somando diversas melhorias em termos ambientais e de eficiência energética. Recentemente, a capacidade da fábrica foi elevada de 700 mil para 1,1 milhão de toneladas/ano.

A empresa investiu em melhorias de produtividade e redução de custos a partir da instalação de caldeiras a biomassa nas principais unidades, algo que também pode ser citado entre as medidas estratégicas da empresa. Os projetos mais recentes incluem a aquisição de duas novas máquinas de papel atualmente em instalação nas unidades de Correia Pinto (SC) e Goiana (PE).

Os 243 mil hectares plantados e os 212 mil hectares de áreas preservadas da companhia recebem o mesmo tipo de atenção e passam por constantes incrementos em busca de maior produtividade e qualidade das fibras produzidas. Hoje, a empresa garante que é capaz de gerar mais fibras por área plantada do que antigamente.

Além disso, na visão da companhia, a capacidade de trabalhar com fibras curtas e longas representa mais um ganho competitivo. O uso de diferentes proporções de matérias-primas no portfólio de produtos tem permitido otimizar gramaturas e propriedades físicas. Os resultados vistos na prática são produtos mais estruturados com menor quantidade de fibras.

De olho nesse potencial e com a intenção de expandir a produção de fibras na base florestal de pinus e eucalipto no Paraná, recentemente a Klabin anunciou o projeto de uma nova fábrica voltada à produção de celulose de fibras longa e curta branqueadas. Segundo

Confira os últimos projetos anunciados pelo setor de embalagens

Papéis Kraft - Novas Capacidades			
Empresa	Site	t/ano (mil)	Start-up anunciado
Primo Tedesco	Caçador (SC)	20	2012
Klabin	Correia Pinto (SC)	80	2013
Iguaçu	Pirai do Sul (PR)	80	não confirmado
Klabin	Goiana (PE)	160	2015

Fonte: Pöyry Tecnologia

a empresa, a área parece uma excelente alternativa para ambas as espécies, que crescem com elevada produtividade e custos bastante competitivos. O projeto, contudo, ainda está em avaliação e não foi autorizado pelo Conselho de Administração.

Mais infraestrutura pela competitividade

É válido frisar que a chave da competitividade do setor de embalagens não se encontra apenas dentro dos parques fabris. Os executivos da Pöyry creem que os gargalos da infraestrutura brasileira ainda dificultam o desempenho da indústria papelreira.

O primeiro – e talvez maior – inconveniente do já conhecido “custo Brasil” são os encargos tributários. “Algumas soluções paliativas, mas de fato interessantes, têm sido feitas nesse sentido, a exemplo da desoneração da folha de pagamento e do Reintegra”, reconhece Farinha. “Ainda faltam, porém, muitas soluções por parte do governo. A questão revela-se problemática, ficando ainda mais nítida quando colocamos na ponta do lápis alguns custos vistos no Brasil e em outros países”, sublinha, citando as despesas rodoviárias entre as mais altas.

Trombini concorda com a afirmação de que as deficiências dos modais logísticos brasileiros têm grande responsabilidade sobre a perda de competitividade do setor de embalagens. “Nosso modal de transporte é basicamente o rodoviário, sistema que atualmente se encontra sobrecarregado, dificultando e encarecendo todos os segmentos econômicos, incluindo o papelreiro.”

Tais problemas geram um impacto ainda mais expressivo sobre as exportações. Dados da *Conjuntura Bracelpa* mostram que o volume de papéis para embalagem exportado em 2012 foi de 504 mil toneladas, valor que denota uma variação de -16,8% em comparação ao ano anterior, com 606 mil toneladas exportadas. “Quando falamos em exportação de papel, o fator agravante fica por conta da logística, com características distintas da adotada para a exportação de celulose. Diferentemente da commodity, que costuma seguir para um único destino, os papéis têm entrega mais segmentada”, comenta Neves, destacando mais um motivo para os fabricantes brasileiros darem prioridade ao mercado doméstico.

“Nossos produtos são essencialmente voltados ao mercado interno, com exceção de países vizinhos, como Argentina, Paraguai e Uruguai”, corrobora Trombini. “Nesses casos, ainda temos condições de ser competitivos, o que não significa, porém, que a logística e as fronteiras não poderiam ser mais ágeis e econômicas”, lamenta.

Players que já têm uma base em outros países podem sair na frente no aspecto da competitividade. A nova Medida Provisória (MP) dos Portos – que visa à criação

Embalagens mais inteligentes e sustentáveis

O *Global Outlook Packaging 2020* – estudo internacional sobre embalagem concluído em 2012 pelo Instituto de Pesquisa Innventia em parceria com a empresa de pesquisa e consultoria Kairos Future – aborda as demandas dos consumidores globais por embalagens mais inteligentes e sustentáveis. Um fato interessante descrito pelo relatório refere-se a sete forças globais (*saiba quais são no quadro abaixo*) e seus impactos sobre a indústria de embalagens, chamando a atenção para as necessidades da população no futuro.

Vale destacar que uma clara maioria dos 1.500 entrevistados – consumidores dos Estados Unidos, Índia e Suécia, onde a pesquisa foi aplicada – já vê grandes problemas com o consumo de embalagens pela sociedade e considera a sustentabilidade o ponto chave para o desenvolvimento dessa indústria no futuro.

Como pontos principais, a pesquisa apontou que os consumidores globais se guiam pela embalagem do produto na decisão de compra, sobretudo na Índia; que se sentem culpados ao jogar fora garrafas plásticas de água após o uso; que se preocupam com as embalagens consumidas pela sociedade e que consideram a redução de custos com embalagens quando realizam compras on-line, com o objetivo de diminuir o valor do produto. Saiba mais detalhes da pesquisa solicitando um exemplar (gratuito) pelo site www.innventia.com/packaging2020.

As sete forças que moldarão o cenário do mercado de embalagens até 2020

1. As mudanças demográficas globais darão origem a novas demandas em embalagens.
2. A expansão do e-commerce trará à tona novos aspectos para as embalagens.
3. A legislação ambiental será mais rígida, necessitando de soluções para as embalagens existentes.
4. Com a integração de embalagens inteligentes e sustentáveis, a atitude do público tende a ser mais favorável ao seu consumo.
5. Os variados estilos de vida que se espalham pelo globo demandarão embalagens mais convenientes, saudáveis e ecologicamente amigáveis.
6. A embalagem crescerá e será valorizada como fonte de matéria-prima.
7. A sustentabilidade será o ponto chave para a indústria em 2020.

de terminais privados para movimentar diferentes tipos de carga para quaisquer clientes – também pode colaborar com o avanço das exportações. No momento, entretanto, a questão ainda se encontra no campo dos desafios de curto e médio prazos.

Farinha acredita que, à medida que as exportações brasileiras de diferentes segmentos industriais forem se tornando mais competitivas, com a superação desse conjunto de desafios, mais fortalecido se tornará o setor de embalagens. “O comércio eletrônico, por exemplo, pode impulsionar muito a indústria de papel. Afinal, os produtos vendidos pela internet são enviados em caixas de papelcartão ou papelão ondulado”, avalia o vice-presidente da Pöyry.

Farinha e Neves acreditam que a curva ascendente vista no mercado doméstico pode abrir portas para as exportações. “A partir do momento que os players fortalecem sua competitividade na base, com a consolidação do mercado interno, podem perfeitamente passar a exportar mais”, conclui Neves, traçando suas perspectivas para este e os próximos anos.

PNRS: Desafios geram oportunidades

Um dos assuntos que mais têm mobilizado o setor de embalagens é a Lei n.º 12.305, de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Isso acontece porque a lei gerou uma demanda de alterações em diversas condutas atuais em relação à forma como a sociedade brasileira lida com o lixo que produz. Também será exigido que as empresas adotem algumas posturas responsáveis quanto às embalagens pós-consumo.

Na prática, as novas exigências para a indústria papelreira requerem mais atenção do setor. Na visão de Pedro de Toledo Piza, consultor jurídico de Sustentabilidade da Pöyry, a primeira tarefa dos players consiste em uma articulação conjunta com o poder público. "A atual ausência de uma coleta correta e de educação e consciência ambiental em grande parte do País afeta e responsabiliza o segmento de embalagens como um todo, incluindo o fabricante, o distribuidor, o comerciante e o consumidor final. É preciso deixar claro que o conceito de responsabilidade compartilhada abrange também as esferas do poder público, o setor industrial e a coletividade, de modo a evitar que um único setor seja penalizado."

Toledo Piza pensa que a PNRS tem um caráter proativo, com reflexos extremamente positivos, mas, "quando se trata da atribuição de responsabilidades, é importante que o setor esteja apto a se mobilizar para fazer valer os princípios regidos no Artigo 8.º, que determina a cooperação técnica e financeira entre setor privado e poder público", frisa.

As necessárias medidas conjuntas fazem parte dos planos setoriais que vêm sendo amplamente discutidos pela indústria nacional. "O setor de embalagens está se mobilizando e se mostra comprometido com a PNRS, especialmente em virtude da responsabilidade compartilhada, mas devemos lembrar que este é um setor já notadamente reconhecido como reciclador", enfatiza ele sobre a postura que vem notando atualmente.

"O que considero relevante no momento é a prontidão das empresas de papel de embalagem a se posicionarem na discussão e fazerem valer as particularidades do setor, na construção de uma agenda comum. A mobilização setorial possibilitará escala e facilitará alcançar objetivos", completa ele em relação ao comportamento que considera de extrema importância para que as pesquisas de novos produtos, métodos, processos e tecnologias de gestão, reciclagem, reutilização e tratamento de resíduos não fiquem 100% a cargo do empresariado e onerem o setor.

Entre os players de postura proativa está a Klabin, que se denomina uma empresa cujas atividades se iniciam na floresta e terminam na reciclagem de papéis, passando por diversas linhas de produtos de papel para embalagens. A companhia afirma que, anteriormente à nova legislação, já vinha tendo uma importante participação nessa cadeia, atuando com a Bracelpa e outras empresas do segmento para formalizar a proposta de atendimento às novas regras.

A partir dessa mobilização para fazer valer sua representatividade, Toledo Piza prospecta uma força-tarefa maior ainda num futuro próximo, capaz de exigir do poder público a execução das suas próprias responsabilidades, a fim de consolidar os planos e os acordos setoriais que hoje estão em construção. Neves concorda que a implantação prática da PNRS trará uma série de mudanças na rotina do segmento de embalagens.



DIVULGAÇÃO PÖYRY

Piza lembra que o conceito de responsabilidade compartilhada sugerido pela PNRS abrange as esferas do poder público, o setor industrial e a coletividade

Os desafios para atender a todas as exigências, entretanto, atuam também como geradores de oportunidades. "A busca por soluções pode se transformar em novos negócios. O que um fabricante de caixas de papelão de São Paulo fará com um produto que foi enviado para o Nordeste e, depois de usado, precisa ser recolhido? Trará de volta para o Sudeste? Creio que a melhor maneira de realizar a logística reversa seria a destinação a uma central de recolhimento no Nordeste – ou seja, essa nova logística pode ser o embrião de uma fábrica de papel a partir de aparas na região", exemplifica.

O incremento de aparas no mercado certamente também causará impactos, o que, na opinião de Farinha, não representa um risco às celuloses de fibra longa e curta. O mix de matérias-primas tem espaço garantido no segmento de embalagens, e cada um apresenta suas particularidades. "O fator determinante ainda está no custo do papel reciclado em comparação à fibra virgem", resume o executivo.

"Embora o Brasil tenha muita competitividade em fibra, não dispensa o uso de papel reciclado: é um dos países que mais utilizam esse tipo de matéria-prima, ocupando a 12.ª posição do ranking mundial de papéis recicláveis, com taxa de recuperação de 45,5%", informa Neves, baseado em dados da Bracelpa, que consideram o volume de aparas recuperadas no País dividido pelo consumo aparente de papel.

A Papyrus destaca-se como player que recorre a diversas matérias primas em sua produção. O processo fabril inclui variados tipos de fibras (celulose branca de eucalipto e diversas pastas mecânicas), além de qualidades de aparas distintas. "A empresa já nasceu com este caráter reciclador", lembra o gerente de Marketing. Suzano, International Paper e Lwarcel estão entre os fornecedores de celulose; Melhoramentos, Iguazu e Hackmann são responsáveis pelo fornecimento de pastas; diversas cooperativas de catadores, gráficos e aparistas fornecem a matéria-prima reciclada.

Gianini ressalta, ainda, que a evolução das matérias-primas, aliada a constantes melhorias de processo, propicia produtos de maior valor agregado. Os resultados são vistos na prática, a partir de produção com menores índices de rejeição e uso de menos químicos, além da possibilidade de produção de cartões com gramaturas cada vez menores e capacidades de trabalho maiores. ■